



Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica

IDEALIZAÇÃO DA MATERNIDADE SEGUNDO A TEORIA DE DONALD WINNICOTT.¹

IDEALIZATION OF MATERNITY ACCORDING TO THE THEORY OF DONALD WINNICOTT.

Emanuéli Vitória Zagonel² e Kelly Aleksandra da Silveira³

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido na Unijuí, trabalho da disciplina Correntes do Pensamento Psicanalítico;

² Acadêmica do curso de Psicologia

³ Acadêmica do curso de Psicologia

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como proposta a escolha de um tema e relacioná-lo à uma teoria psicanalítica voltada para a infância. Para este trabalho, o tema escolhido foi a Idealização da Maternidade a partir da Teoria do Amadurecimento Pessoal de Donald Winnicott.

Este visa responder a pergunta norteadora: o que é a idealização da maternidade? Mais concretamente, ligar esse termo e as descobertas associadas a ele ao conceito de mãe/ambiente suficientemente bom. Serão abordados uma curta explicação histórica da maternidade, a função materna da teoria de Winnicott e a idealização da maternidade em si.

O objetivo geral do trabalho é desenvolver uma pesquisa bibliográfica através de artigos científicos e focada nos livros de Elisabeth Badinter: “Amor conquistado: o mito do amor materno” e “Os bebês e suas mães” de D. W. Winnicott e tentar relacioná-los com o tema proposto.

METODOLOGIA

O trabalho se baseia em uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, para obter familiaridade com o tema estudado, realizada na disciplina de Correntes do Pensamento Psicanalítico no 4º (quarto) semestre do curso de Psicologia. Tem como foco a pesquisa bibliográfica através de artigos científicos e os livros já citados anteriormente.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Recapitulação histórica

Badinter (1980), em seu livro, faz uma recapitulação da maternidade na Europa até metade do século XVIII; expõe sobre a relação fria e muitas vezes de desgosto que os pais tinham para com seus filhos e no que diz respeito ao papel dominante da figura paterna que estabelecia um distanciamento familiar. Durante esse período muitas crianças nem chegavam a ter contato com seus pais, logo quando nasciam eram mandadas para casas de amas de leite e acabavam por falecer ali mesmo em função das altas taxas de mortalidade infantil.

Somente na segunda metade do século XVIII que a família começou a ser vista como algo que gerava intimidade, carinho e aconchego. A partir do século XIX o papel de mãe começou a entrar em cena, todavia ele passou a dispor de um grande encargo pelo modo de que a mulher teria que exercer todas as suas funções- dona da casa, trabalhar fora e cuidar dos filhos- de um modo perfeito pois isso seria algo inato dela. A partir disso pode-se começar a entender melhor como essa idealização foi sendo difundida. (Badinter, 1980)

Teoria de Winnicott

Quando Winnicott ([1988] 2013) fala sobre a função materna ele explica que “é conveniente usar uma expressão do tipo "maternagem suficientemente boa" para transmitir uma concepção não idealizada da função materna [...] Ou seja, a mulher não precisa ser a “âncora” dessa criança, outra pessoa pode estabelecer esse papel. O papel da "função materna” é uma grande responsabilidade, pois ele inaugura o bebê como sujeito e constitui seu psiquismo através dos conceitos de holding e o handling.

Do meu ponto de vista, a saúde mental do indivíduo está sendo construída desde o início pela mãe, que oferece o que chamei de ambiente facilitador, isto é, um ambiente em que os processos evolutivos e as interações naturais do bebê com o meio podem desenvolver-se de acordo com o padrão hereditário do indivíduo [...] A partir de uma tal base positiva, o indivíduo tem, com o passar do tempo, uma oportunidade de lançar-se no mundo de uma forma criativa, e de desfrutar e usar tudo aquilo que o mundo tem a lhe oferecer [...] (Winnicott, [1968] 2013; p. 20)

Do ponto de vista teórico a função materna não precisa ser, necessariamente, exercida pela figura da mulher. O conceito traz a ideia de que, quando a mãe não estiver apta para fazer



o vínculo com a criança, outra pessoa estará ali para cumprir esse papel; podem ser pais adotivos, avós, tios, tias e até mesmo o pai.

Outro conceito importante da teoria Winnicottiana seria o de regresso da mãe à idade infantil para que ela consiga atender as necessidades do bebê. Ela faz uma conexão com a criança e consegue manter essa função de regresso. Isso é desenvolvido com o nome de identificação materna primária. Segundo Winnicott ([1964] 2013) "às mães [...] se preparam para a sua tarefa bastante especializada durante os últimos meses de gravidez, mas que gradualmente voltam ao seu estado normal nas semanas e meses que se seguem ao processo de nascimento."

Só a mãe entende o bebê e vice-versa, é uma ligação única mas que nem todas as mulheres conseguem formar, a ideia é de que a mãe é intuitiva, não instintiva. Ninguém deve se intrometer nessa relação, o melhor que os profissionais podem fazer é fortalecer essa relação. Segundo Winnicott ([1950] 2013) "a tarefa mais difícil quando se prepara uma série de palestras e livros [...] é saber como evitar perturbar aquilo que se desenvolve naturalmente nas mães [...]"

Maternidade na modernidade

Segundo Novelino (1988) o modelo da maternidade é delineado em referência constante à família tradicional, há muita pressão para que a perfeição da maternidade ocorra. Todavia muitas mulheres depois que dão à luz tem dificuldade em se identificar com o seu bebê, decorrente da pressão que elas sofrem, durante a gravidez e depois do parto, para amar a sua criança desde o primeiro suspiro.

Segundo Novelino (1988) a imagem da mãe idealizada acaba gerando dificuldades de ordem emocionais para a mulher e é alvo de recriminação velada. A mãe suficientemente boa deve conhecer seu filho mais do que a ela própria. Entretanto, nem sempre uma mulher se torna mãe nas condições ideais.

Mulheres que não possuem um parceiro, não têm assistência parental alguma para com aquele bebê ou mulheres que foram violentadas podem se sentir desorientadas em uma sociedade que dita que ela deve ter o bebê e criá-lo de uma maneira perfeita, mesmo que ela não possua condições -psíquicas, físicas, econômicas, etc.- para isso.



O que acontece logo depois do parto é que a mulher perde seu lugar como sujeito individual e passa ser vista somente como mãe, inseparável de seu bebê. Na modernidade a pessoa que for fazer a função materna precisa lutar contra a maternidade forçada, contra o perfil da mãe ideal: responsável integral, de amor incondicional, disponível, devota, equilibrada e com bom senso. (Novelino, 1988)

Segundo Andrade (2019) este seria o mito da maternidade: de que ela vem de forma espontânea, que acontece de uma forma perfeita e natural para toda mulher, de forma sublime e fantasiosa. Quase dois séculos depois e essa concepção de maternidade natural e idealizada ainda está muito em pauta.

Isso explica-se pois no geral a maternidade inscreve-se num sistema de códigos articulado e estruturado ideologicamente e indissociável, onde ela é delineada em referência à família tradicional. Isso acarreta uma dificuldade da dissolução desse mito, e prende diversas mulheres nesse ideal romantizado. (Novelino, 1988)

Segundo Novelino (1988) no final, o parto, não resulta somente um nascimento, resultam quatro. Nasce uma criança. Nasce uma mulher para o papel de mãe; um homem para o papel de pai. Nasce uma família [...]. A partir desse ponto, todos dentro dessa construção precisam estar preparados para assumir seus papéis e buscar ao máximo, desempenhá-los de forma efetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou o tema “idealização da maternidade”; trouxe uma breve recapitulação histórica sobre a maternagem e a ligação do tema principal com a teoria do amadurecimento pessoal de Donald Winnicott. Ao final concluiu-se que há um grande entrelace entre a teoria proposta para comparação e o tema.

A ideia de função materna, que não precisa ser necessariamente exercida pela mulher, mas por qualquer familiar- ou não- que crie um vínculo com aquela criança. Mesmo que as questões sobre maternidade existam a muitos séculos ainda são necessárias mudanças nas teorias e pensamentos da sociedade como um todo para que a maternagem possa ser vista como algo natural, com lados positivos e negativos e que não há motivos para esconder as coisas desagradáveis.



Para que isso possa ocorrer é necessário que haja uma mudança significativa no âmbito da saúde e no pensamento dos profissionais que vão auxiliar essa mulher nessa nova jornada totalmente desconhecida para ela.

Palavras-chave: Maternidade, Winnicott, bebê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Rhuama Ayube de. **“Amo meu filho, mas odeio ser mãe”** : Reflexões sobre a ambivalência na maternidade contemporânea. "Amo meu filho, mas odeio ser mãe", [s. l.], 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/163940> . Acesso em: 25 out. 2021.

BADINTER, Elisabeth. **Amor conquistado: o mito do amor materno**. [S. l.: s. n.], 1980

NOVELINO, A. M. **Maternidade: um perfil idealizado**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 65, p. 21–29, 2013. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1193> . Acesso em: 25 out. 2021.

WINNICOTT, Donald. **Os bebês e suas mães**. 4. ed. rev. [S. l.: s. n.], 2013.